



IGREJA *Viva*

ARTIGO DE OPINIÃO

NÃO SE TRATA APENAS DE MIGRANTES

EUGÉNIA QUARESMA

DIRECTORA DA OBRA CATÓLICA PORTUGUESA DE MIGRAÇÕES

P. 04-05

BREVES

“Deus quer a fraternidade entre nós e os muçulmanos”

O Papa Francisco lembrou ontem, na sua audiência geral, a viagem que fez recentemente a Marrocos, sublinhando que as várias religiões “olham sempre para o Céu” e que “aquilo que Deus quer é a fraternidade” entre todos os crentes, falando do caso dos muçulmanos, “filhos de Abraão”, como irmãos dos cristãos. “Servir a esperança, num tempo como o nosso, significa acima de tudo construir pontes entre civilizações”, acrescentou. O Papa elogiou o trabalho desenvolvido em Marrocos na formação de líderes que promovam “um Islão respeitador das outras religiões, que recusa a violência e o fundamentalismo”.

Sobre as migrações, Francisco confessou que prefere falar em “pessoas migrantes” e não só em “migrantes”, como uma forma maior de “respeito” por elas. “Usamos muitos adjetivos e, muitas vezes, esquecemo-nos do substantivo, isto é, da substância”, lamentou.

**Cólera é o próximo desafio em Moçambique**

Moçambique já registou mais de mil casos de cólera depois da passagem do ciclone Idai, quase todos na cidade da Beira. Apesar da média de 200 casos de novas infeções por dia, a cólera só matou uma pessoa até agora.

Na Segunda-Feira chegaram a Moçambique 900 mil unidade de vacinas orais contra a cólera, parte de uma campanha de vacinação promovida pela Organização Mundial de Saúde. Para ajudar aos esforços, foram estabelecidos 11 centros de tratamento da cólera.

As águas estagnadas, a falta de higiene e saneamento são “terreno fértil” para a transmissão de cólera e malária, refere a ONU. A falta de alojamento com qualidade poderá ditar o aumento do número de infectados com malária, cujo número de casos já está perto dos 300.



OPINIÃO

Olhares (38) - A humanidade precisa de orelhas

JOÃO AGUIAR CAMPOS

PADRE

Sei que a frase é algo esquisita, mas recolhi-a num texto de José Fernando Juan, intitulado “Necesito ser escuchado” (Preciso de ser escutado).

Escreve o autor que “tanta comunicação digital incrementa a necessidade de falar e ser escutado pessoalmente». Explica-o, salientando que andamos por aí a falar demasiado “sem conhecer a pessoa que temos à nossa frente. Falamos com voz grossa, mas sem levar a sério as nossas palavras. Respondemos genericamente, sem atender ao próximo, a quem vemos e simultaneamente ignoramos”.

Depois desta denúncia, José Fernando Juan diz algo que é uma lição a reter: “Escutar não é dar a palavra, mas dispor-se a recebê-la” — de modo a passarmos de “seres dotados de palavra, a seres capazes de acolher a palavra”.

Não creio — até por dolorosa experiência pessoal — que esta seja uma transformação fácil. De facto, quando manifestamos a nossa disponibilidade para ouvir os outros, facilmente desligamos se eles não dizem o que nós queremos ou esperamos. Mais: não raro levamos a mal as suas opiniões e perguntas. Estamos, pelo contrário, muito disponíveis para acolher entusiasticamente quem aplaude ou sublinha o nosso pensamento!...

No fundo, no fundo, se os outros fossem um marcador luminoso sobre as nossas opiniões, o círculo de fiéis seguidores andaria muito perto do nosso mundo ideal!...

A reflexão do autor que venho seguindo chama a atenção para outro aspecto:

afinal, não é a falta de tempo que impede a escuta; mas a falta de humildade, paciência, disponibilidade para compreender e esforço para elaborar respostas de um modo novo.

Firmes no nosso canto e nas nossas certezas, não nos sentimos na obrigação de dar razões. Agarrados ao que sempre foi, toda a mudança é louca irresponsabilidade. Acomodados, deixamos raiz em todos os bancos onde sol e sombra se conjuguem com os nossos interesses; e até as incertezas meteorológicas nos zangam!...

Vou escrever uma frase potencialmente louca: precisamos tanto de não saber tudo, para viajarmos desprendidamente até à esquina onde o outro mora e donde vê e fala. Sim, precisamos de orelhas!...

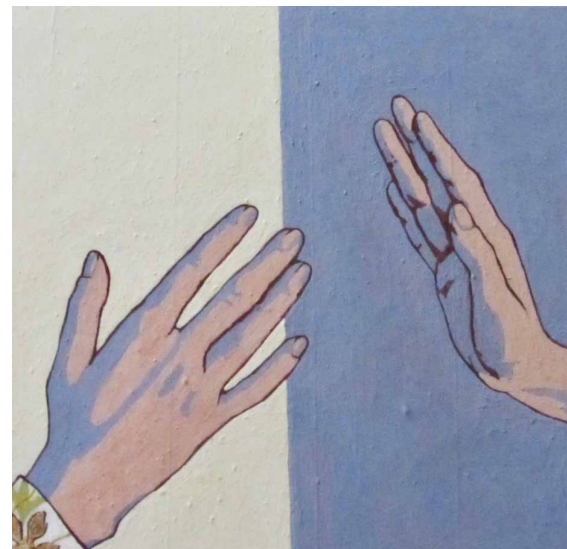
Não é por falta de reuniões, cartas, mensagens ou discursos que nos desconhecemos. Vivemos, aliás, uma overdose neste domínio...

Desconhecemo-nos porque insistimos na unidirecionalidade da comunicação: “oiçam”, “ponham-se atentos”, “tomem nota”!... Depois, estranhemos que a comunhão não aconteça!...

Desconhecemos-nos porque a rua e os ambientes não pasteurizados nos causam alergias de que os grupo de fiéis tão servilmente nos protegem... Depois, estranhemos que as nossas respostas não interessem — sem nos darmos conta que as perguntas reais são outras, dolorosamente outras. Dessas que não se encontram nos manuais de pastoral *in vitro*...

Desconhecemo-nos porque queremos, determinadamente, assobiar para o lado... Depois choca-nos a indiferença de quem perdeu interesse em olhar-nos.

É educativo verificar, por exemplo, em alguns comportamentos: ao participarmos num encontro ou acção de formação, quantas pessoas se retiram antes do fim!... Certamente que o fazem invocando razões que lhes pare-



cem muito consistentes: os sacerdotes, por exemplo, têm missa marcada às x horas; e, já agora, um leigo ou outro precisa de retirar-se também porque veio de boleia do senhor abade...

Ouvir até ao fim, estar até ao fim, debater as conclusões e avaliar cada acção é coisa rara. De tal modo que, se tal critério se aplicasse, muita vida ficaria suspensa por falta de quorum!...

Custa-nos tanto prepararmo-nos para estar e estar inteiros no momento, sem nos limitar-nos a picar o ponto!...

Urge estar disponíveis por fora e por dentro. Estar de agenda apenas ocupada pelo sítio e acontecimento em que estamos. Urge estar!...

Ouve-se o tropel da cavalgada activista, que deixa a terra calcada e recalçada. Contudo, não nos damos conta que as sementes ficam à tona, para alegria dos pássaros...

Um Igreja com orelhas é sensata na forma e no tempo. É intimamente sinodal e humilde diálogo com o mundo.

No discurso das comemorações do cinquentenário da instituição do Sínodo dos bispos, disse o Papa Francisco: “Um Igreja sinodal é uma Igreja da escuta, ciente de que escutar «é mais do que ouvir». É uma escuta recíproca, onde cada um tem algo a aprender. Povo fiel, Colégio Episcopal, Bispo de Roma: cada um à escuta dos outros; e todos à escuta do Espírito Santo, o «Espírito da verdade» (Jo 14, 17), para conhecer aquilo que Ele «diz às Igrejas» (Ap 2, 7)”.

Pois é!...



PAPA FRANCISCO

2 DE ABRIL 2019 · Cristo vive: é Ele a nossa esperança e a mais bela juventude deste mundo! Tudo o que toca torna-se jovem, fica novo, enche-se de vida. #ChristusVivit

D. JORGE ORTIGA

15 DE ABRIL 2019 · "Ser jovem, mais do que uma idade, é um estado do coração. Assim, uma instituição antiga como é a Igreja pode renovar-se e voltar a ser jovem em cada uma das várias fases da sua longa história." (Christus Vivit, 34) #Jovens #Juventude #Carta #Igreja

A IGREJA E OS JOVENS

"Cristo Vive" é a nova Exortação do Papa

Foi esta semana apresentada a nova Exortação Apostólica do Papa Francisco, "Cristo Vive", dedicada aos jovens de todo o mundo. O documento surge a partir do Sínodo dos Bispos de Outubro de 2018 que se debruçou sobre a relação entre os jovens e a Igreja Católica.

Em "Cristo Vive", o Papa começou por explicar que a juventude, "mais do que uma idade, é um estado do coração", sendo possível à Igreja, por isso, renovar-se em diversas fases da história. Francisco reconheceu também que é necessário mudar algumas coisas concretas, o que apenas será possível se for tida em consideração a opinião e visão dos jovens.

Ao longo do documento, o Pontífice utiliza várias histórias dos Apóstolos, de personagens bíblicas e de jovens santos para transmitir uma mensagem de esperança e acolhimento aos jovens de todo o mundo. Também a responsabilidade da Igreja em acompanhar os mais novos é alvo de reflexão.

Temas como as reivindicações das mulheres, os abusos ou a digitalização não foram esquecidos e são abordados ao longo dos vários capítulos da Exortação.



OPINIÃO

Nossa "Mãe Terra"

FREI JOSÉ DIAS DE LIMA

ORDEM DOS FRADES MENORES

Estamos a três anos de celebrar os cinquenta anos da 1ª Conferência das Nações Unidas sobre o ambiente e a situação da Terra, realizada em Estocolmo (Suécia) em Junho de 1972. Foi uma chamada de atenção para a realidade dramática da exploração dos recursos naturais e dos solos, da destruição de milhares de espécies vegetais e animais decisivas para o equilíbrio da Terra, da introdução de produtos tóxicos na cadeia alimentar e do consumo excessivo de combustíveis fósseis como o carvão e o petróleo, que poluem o ar que respiramos com emissões de dióxido de carbono e o consequente efeito de estufa.

Em 1992 a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente, conhecida como "Eco 92" e realizada no Rio de Janeiro, alertou para o "risco de coma" da Terra, apontando para o desaparecimento da água potável, a destruição maciça de plantas e animais, o alastrar veloz dos desertos e as florestas tropicais, que albergam 50% das espécies, destruídas ao ritmo de um campo de futebol por minuto.

Em 2015 surgiu o Acordo de Paris, que rege me-

didadas de redução de emissão de gases de estufa a partir de 2020, a fim de conter o aquecimento global abaixo de 2°C e a continuar os esforços para limitar o aumento da temperatura a 1,5°C, e reforçar a capacidade dos países de responderem ao desafio, num contexto de desenvolvimento sustentável. Vejo no facto dos Estados Unidos da era Trump abandonarem este acordo não mais do que um sacudir a água do capote por parte de um dos países mais poluidores do mundo.

Pois bem, coloquemos os olhos em S. Francisco de Assis, o Patrono da Ecologia. Ele ensina-nos que a fome e as doenças relacionadas com a degradação ambiental se resumem a uma palavra, a pobreza, "o pior inimigo do ambiente", como afirmara, séculos depois, Indira Gandhi.

Em Francisco de Assis unem-se duas realidades: a ecologia e a dignidade humana. Hoje sabemos como os países ricos, chamados de Primeiro Mundo, quase destruíram as suas reservas biogenéticas e, por outro lado os países subdesenvolvidos, chamados de Terceiro Mundo, continuam detentores de um grande património ecológico. Só a partilha de parte a parte pode trazer a justiça, porque o homem não é um ser estranho à Natureza, mas antes vive com ela, é responsável por ela e a sua vida depende dela.

A verdade é esta, ou os homens dão as mãos nas questões do ambiente ou teremos o pesadelo da uma Terra transformada num cinzeiro, ou de uma Terra respirando por uma máscara de gás, ou de uma Terra feita churrasco por cima do fumo da industrialização descontrolada, ou, simplesmente, a imagem de uma Terra metida num contentor do lixo. É importante que os países ricos abram as janelas da sua riqueza aos países pobres industrialmente falando, mas ricos de bens naturais, e a partilha de responsabilidades seja assumida com gestos concretos de defesa do meio ambiente de parte a parte.

Enfim, o Dia da Terra é um desafio a todos para que cada um faça a sua parte na preservação do ambiente com coisas muito práticas que estão ao nosso alcance como separar os resíduos, evitar o uso de embalagens e objectos de plástico, poupar água e energia, plantar árvores (evitar o eucalipto), usar menos o transporte pessoal e optar por transportes públicos ou veículos não poluentes, entre outras medidas.

O problema da ecologia é um problema da nossa sociedade e S. Francisco de Assis, no "Cântico do Irmão Sol", ou "Cântico das Criaturas", nos convida a irmanar a nossa vida com a Natureza e a respeitar a nossa irmã, a "Mãe Terra que nos sustenta e governa".



ARTIGO DE OPINIÃO

NÃO SE TRATA APENAS DE MIGRANTES

EUGÉNIA QUARESMA

DIRECTORA DA OBRA CATÓLICA PORTUGUESA DE MIGRAÇÕES

NO ÂMBITO DO CICLO DE CONFERÊNCIAS NOVA ÁGORA, O IGREJA VIVA CONVIDOU EUGÉNIA QUARESMA PARA ESCREVER SOBRE O TEMA DA TERCEIRA E ÚLTIMA CONFERÊNCIA DE 2019, AS MIGRAÇÕES.

As migrações fazem parte da nossa História enquanto Humanidade. A circulação de pessoas que, ao longo dos tempos, atravessaram montanhas e vales, cruzaram mares e, hoje, cruzam os céus, deveria ser natural, um ato verdadeiro de vontade. Mas sabemos que nem sempre foi nem é assim. Infelizmente as migrações forçadas ainda hoje existem e assumem causas diversas, tais como perseguições políticas, étnicas ou religiosas, fugas de guerra, pobreza e catástrofes naturais, o sonho de uma vida melhor e o desejo de levar Deus a povos remotos. Diante de cada um destes cenários, a resposta mais humana e edificante é a hospitalidade, e não a hostilidade que temos vindo a assistir em crescendo, expressa em discursos de ódio que revelam a xenofobia latente e resultados eleitorais perigosos para a democracia, em todos os cantos do globo.

O acolhimento exercido por todos aqueles que, em comunidade, em família ou a título pessoal, reconhecem as necessidades de quem passa ou chega, constitui-se uma referência de estabilidade, um porto de abrigo que a qualquer ser humano, deveria ser oferecido, principalmente quando se experimenta o imperativo de recomeçar.

Ser uma pessoa em contexto de mobilidade humana implica escolher viver e essa opção acarreta o risco da vulnerabilidade e da incompreensão, de suportar medos e discriminações, isolamentos e explorações, por vezes, mais difíceis de transpor que alguns muros físicos que ao longo do tempo e do espaço foram construídos, geraram periferias existenciais e refletem desequilíbrios urbanos.

Muito possivelmente por estarmos na era da globalização e da comunicação, assistimos todos os dias a terríveis atrocidades que nos motivam e interpelam para uma consciência cada vez maior de que só trabalhando de forma articulada conseguimos obter resultados mais eficientes e duradouros.

Quem está no terreno e acompanha as pessoas em situação de mobilidade chega à conclusão de que só construindo pontes entre Comunidades, Regiões e Estados é possível fazer a diferença. Ousar a memória, aprender com a história, operacionalizar o que já está consagrado em Leis, Tratados e Convenções, honrar compromissos que colocam no centro a dignidade humana, a justiça e a coesão social e reconhecer os migrantes e refugiados como co-protagonistas do desenvolvimento é o caminho do

futuro que precisamos de trilhar hoje.

Nas Nações Unidas, os Estados têm assumido compromissos importantes que revelam a disponibilidade e vontade política para articular esforços ao nível da cooperação, segurança, hospitalidade e solidariedade, e assim enfrentar os desafios de um fenómeno que é legítimo. Contudo, compete

também ao cidadão comum reconhecer em quem migra uma pessoa com ou sem família, portadora de direitos, de uma bagagem cultural, valores, crenças e competências, aceitar o migrante como alguém que ajuda a construir a cidade do ponto de vista económico, cultural, social e espiritual, capaz de criar e participar em espaços de diálogo onde se

aprende a afirmar que somos pessoas de saberes, hábitos e valores que vão amadurecendo na promoção do encontro. Compete a todos nós aprender a olhar e aceitar, com gestos concretos, o migrante como detentor de uma cidadania consagrada pela Convenção Universal dos Direitos Humanos e considerá-lo um merecido habitante deste Planeta Terra, nossa Casa Comum.





A cada crente impõe-se o imperativo ético de não explorar, não lucrar, não usar de violência para com o seu semelhante, cuidar do valor da vida humana e proteger as potenciais vítimas da sedução e do engano.

Partilhamos uma casa comum em pé de desigualdade. Diariamente, somos recordados que as circunstâncias e os rostos da mobilidade também são mutáveis. Por isso, importa conhecer e difundir os princípios e as leis que nos protegem, promovem a vida humana e ambicionam um desenvolvimento sustentável, como os 17 objetivos da Agenda 2030, assu-

midos pelos Governos de todo o mundo e Organizações Não-governamentais para o Desenvolvimento (ONGD), que precisam de ser cada vez mais conhecidos e apropriados pelo cidadão comum. Só desta forma tantos milhões de pessoas podem exercer o seu direito a não emigrar e permanecer no seu país de origem em condições dignas. Importa também conhe-

cer e acompanhar a implementação dos Pactos Globais para Refugiados e para as Migrações Ordenadas, Seguras e Regulares, aprovados em Dezembro do ano passado em Marraquexe, uma vez que estes visam proteger de forma global todas as pessoas que ponderem a necessidade de emigrar exercendo com liberdade esse mesmo direito.

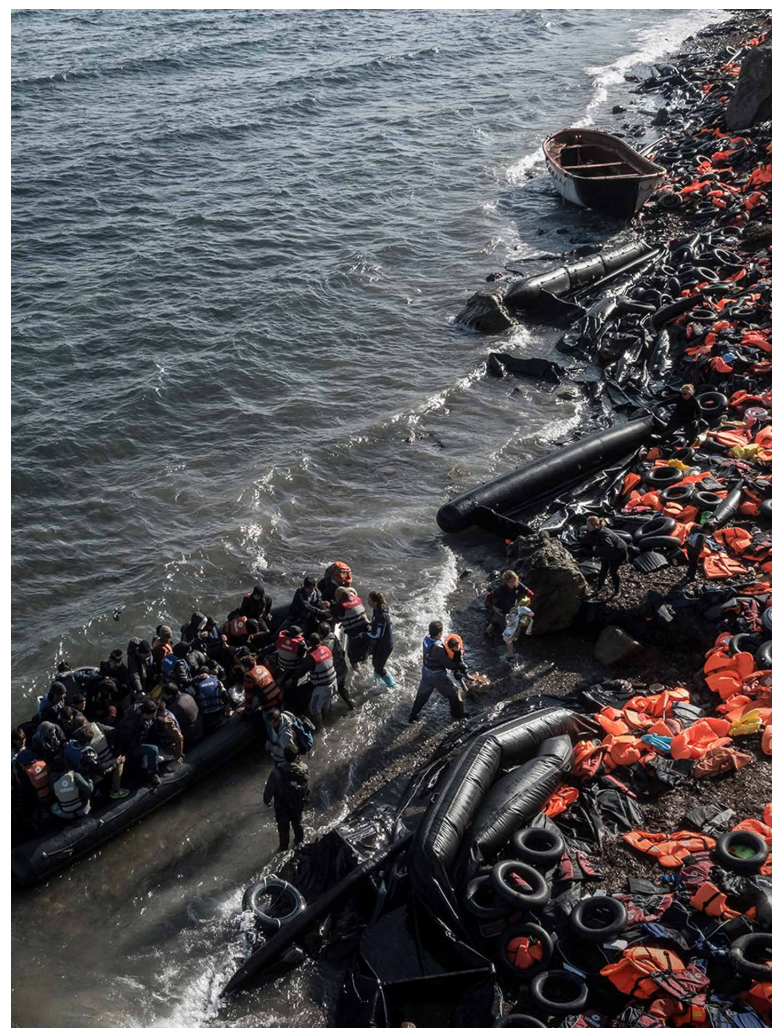
Recentemente, em Janeiro deste ano, foram publicadas pela Santa Sé as orientações pastorais sobre o tráfico de seres humanos, passíveis de serem consultados no site da Secção Migrantes e Refugiados. Um crime hediondo transnacional que, por assentar na exploração e desumanizar e transformar pessoas em mercadoria, precisa de ser conhecido e combatido.

A cada crente impõe-se o imperativo ético de não explorar, não lucrar, não usar de violência para com o seu semelhante, cuidar do valor da vida humana e proteger as potenciais vítimas da sedução e do engano. Caso encontre algum padecente, deve denunciar às autoridades competentes ou, como fazem algumas religiosas, contribuir através das suas obras para reabilitação das vítimas. Dentro da nossa vocação, do nosso âmbito de trabalho, somos chamados a descobrir como é possível participar neste combate.

As próximas Jornadas do Migrante e do Refugiado vão assinalar-se no dia 29 de setembro de 2019 em todas as paróquias e comunidades cristãs espalhadas pelo mundo e terão como tema a frase “Não se trata apenas de Migrantes”.

O Santo Padre confia a toda a Igreja, a partir da Pastoral das Migrações, a sensibilização para estas questões. Não se trata apenas de migrantes. São pessoas. Em Igreja afirmamos que são irmãos, não apenas migrantes. E, ainda em Igreja, recordamos que foi o próprio Cristo que se quis configurar com os mais pequeninos, isto é, os mais vulneráveis da mobilidade humana, deixando-nos como mandato o Acolhimento.

Em Cristo, reafirmamos que a Hospitalidade faz parte do nosso ADN e colocamos os migrantes e refugiados no coração da Igreja, isto é, Papa, bispos, sacerdotes, religiosas e religiosos,



leigos e leigas que, deixando-se conduzir por Deus, se constituem em comunidades de fé.

Deus visita o seu Povo nos migrantes que chegam até nós. Deus faz-se companheiro de caminho através dos missionários e agentes pastorais que vão ao encontro de outros povos e, no fim, a missão é só uma: constituir uma só família humana, apesar da diversidade cultural que constitui os povos. Através da hospitalidade, Deus fala ao seu povo, reunido de todas partes, unidos pela fé, pela gramática do amor que gera comunhão. Deus quer, através daqueles que se apresentam como forasteiros, revelar-se como bom Samaritano, que quer curar-nos do egoísmo, da indiferença, do isolamento, da xenofobia.

Se nos deixarmos conduzir por Cristo através dos migrantes, descobriremos terrenos novos e novas atitudes a semear. Encontrar e acompanhar a via sacra dos migrantes e refugiados confronta-nos com as injustiças da lei ou de quem as aplica, e isso interpela-nos a uma nova cultura.

O conflito, o confronto sem violência, faz parte desta exigência de crescimento. A mudança interior é inevitável. Em Deus nas-

ce a fraternidade, apesar das diferenças.

Para prosseguirmos juntos temos que ousar reconciliar a memória, o que implica tratar as feridas e as mágoas do passado para construirmos um futuro juntos como uma só família humana. Este sonho de Deus atravessa o pessoal, o comunitário e o nacional até chegar ao global.

Cresce a consciência de que só de forma interligada podemos responder aos desafios, que só contando com os migrantes e refugiados como co-protagonistas do desenvolvimento teremos sociedades mais justas e fraternas. Seremos mais Igreja na medida em que soubermos trabalhar em conjunto e, por consequência, sermos mais eficazes.

Deus, através do seu filho Jesus Cristo, que se revela nos mais vulneráveis e desprotegidos, aponta-nos o caminho da misericórdia e da justiça. Quer gerar comunidades verdadeiramente abertas que afirmam a sua identidade, sendo porta que escuta e acolhe a diversidade daqueles que procuram Cristo; derrubando os muros que nos impedem de ser Igreja Católica, mãe de todos sem fronteiras



“Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que

DOMINGO DE RAMOS

ITINERÁRIO

ATITUDE
Converter

CONCRETIZAÇÃO: No início da Semana Santa, a árvore que tem acompanhado todo o caminho quaresmal fica despida, pois o último pecado nela suspenso – INDIFERENÇA – é colocado no cesto.



ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES



LITURGIA DA PALAVRA

Comemoração da entrada do Senhor em Jerusalém

Primeira forma: Procissão

Segunda forma: Entrada solene

Terceira forma: Entrada simples

LEITURA I Is. 50, 4-7

Leitura do Livro de Isaías

O Senhor deu-me a graça de falar como um discípulo, para que eu saiba dizer uma palavra de alento aos que andam abatidos. Todas as manhãs Ele desperta os meus ouvidos, para eu escutar, como escutam os discípulos. O Senhor Deus abriu-me os ouvidos e eu não resisti nem recuei um passo. Apresentei as costas àqueles que me batiam e a face aos que me arrancavam a barba; não desviei o meu rosto dos que me insultavam e cuspiam. Mas o Senhor Deus veio em meu auxílio, e, por isso, não fiquei envergonhado; tornei o meu rosto duro como pedra, e sei que não ficarei desiludido.

Salmo responsorial

Salmo 21 (22), 8-9.17-18a.19-20.23-24 (R. 2a)

Refrão: Meu Deus, meu Deus, porque me abandonastes?

LEITURA II Filip 2, 6-11

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Filipenses

Cristo Jesus, que era de condição divina, não Se valeu da sua igualdade com Deus,

mas aniquilou-Se a Si próprio. Assumindo a condição de servo, tornou-Se semelhante aos homens. Aparecendo como homem, humilhou-Se ainda mais, obedecendo até à morte e morte de cruz. Por isso Deus O exaltou e Lhe deu um nome que está acima de todos os nomes, para que ao nome de Jesus todos se ajoelhem no céu, na terra e nos abismos, e toda a língua proclame que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai.

EVANGELHO – forma longa Lc 22, 14 – 23, 56

REFLEXÃO

Pai, se este cálice não pode passar sem que Eu o beba, faça-Se a tua vontade. Mateus 25, 42

O primeiro dia da Semana Santa é um introito paradoxal da glória e da paixão: Jesus Cristo, aclamado como o enviado de Deus, acaba a sofrer a rejeição daqueles para quem foi enviado. Mas o Mestre vive ao limite a fidelidade ao amor: se não pode evitar o sofrimento e a morte, então “faça-Se a tua vontade”.

“Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”

O Domingo de Ramos propõe a leitura da Paixão de Jesus Cristo. Neste caso (Ano C), o relato destaca a grandeza humana de Jesus Cristo, através de detalhes próprios, como o olhar misericordioso aquando da negação de Pedro, a autoridade diante do sumo sacerdote, o silêncio

perante Herodes, a declaração de inocência por parte de Pilatos, o acolhimento da prece do ladrão, o perdão aos verdugos: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”. No Evangelho segundo Lucas encontram-se as mais belas parábolas sobre a misericórdia de Deus (Pai): a do pai amoroso, a do bom samaritano. A cruz aponta para a plenitude da misericórdia e, nela, Jesus Cristo acrescenta um pedido: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”. Já tinha proposto dar a outra face, perdoar (e amar) os inimigos... Agora, perdoar aos seus algozes? Sim, pois só a misericórdia é fonte de vida.

“Um Deus que morre por amor, algo que não consigo compreender, perene desafio para a minha razão e que, no entanto, cada vez, me chama, me desarma e me fere. A cruz não se entende, contempla-se. [...] Olho com os olhos do coração. E vejo um Deus louco de amor, disposto a tudo por mim [...]. Contemplo a cruz, vejo-o pender nu e desonrado e tenho de desviar o olhar. Depois, viro ainda a cabeça, olho a cruz e vejo alguém com os braços escancarados que me grita: amo-te” (Ermes Ronchi); perdoo-te todos os teus pecados; vai em paz.

O perdão invocado para os verdugos “incute-me esperança. Eu não sei perdoar; eu bem digo que perdoo, mas lá no fundo, Tu sabes, continuo a olhar mal. Exteriormente aprendi o sorriso hipócrita e bem-educado, mas, por dentro, Tu sabes o rancor, o ódio e a raiva que ainda sinto... Perdoa-me, Pai, porque não sei o que faço [...]. E enches-me de paz, na minha azáfama e no meu desespero, quando Te oiço dizer infinitamente,

sem parar... «Pai, perdoa-lhes»” (Pablo Lima). Perante tanto amor, posso continuar a ficar indiferente?

Converter

A proposta de conversão quaresmal confronta-nos com outros desafios eclesiais (EG 102-107) que não nos podem deixar indiferentes: o compromisso dos leigos “não se reflecte na penetração dos valores cristãos no mundo social, político e económico”; “é preciso ampliar os espaços para uma presença feminina mais incisiva na Igreja”; “os jovens habitualmente não encontram respostas para as suas preocupações, necessidades, problemas e feridas”; “há escassez de vocações ao sacerdócio e à vida consagrada”.

Reflexão preparada por Laboratório da Fé in www.laboratoriodafe.net

fazem”



EUCOLOGIA

Orações presidenciais: Orações próprias do Domingo de Ramos (*Missal Romano*, 225.229)
Prefácio: Prefácio próprio do Domingo de Ramos (*Missal Romano*, 226-229)
Oração Eucarística: Oração Eucarística II (*Missal Romano*, 524ss)



VIVER NA ESPERANÇA

Durante a Semana Santa, continuar a fazer o exame de consciência para examinar onde tem reinado a indiferença na nossa vida. Que este exercício nos conduza à celebração do perdão que o Senhor nos quer conceder. Também será importante continuar a ler a exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, nos números 102-107, onde o Papa aborda o tema da indiferença.



SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **Entrada:** *À entrada do Senhor*, F. Santos
- **Apresentação dos Dons:** *Crux fidelis*, M. Faria
- **Comunhão:** *Pai, se este cálice*, F. Santos
- **Final:** *Salvé, ó cruz*, M. Faria

Elementos celebrativos a destacar

Ser comunidade acolhedora Dinâmica quaresmal

Depois da procissão de ramos, as pessoas entram na Igreja onde se prosseguirá com a celebração. Antes da oração coleta, fazer um momento de silêncio diante da Cruz processional, no final do qual o sacerdote retirará o último distico da árvore, com o pecado INDIFERENÇA.
A Eucaristia seguirá segundo o ritmo habitual proposto pelo Missal Romano.

Ser comunidade missionária 1. Homilia

• A contemplação da paixão do Senhor deve ser para nós fonte de consolação: Jesus Cristo oferece a sua vida para remissão dos nossos pecados, para nos salvar da morte,

para nos conceder vida nova.
• Como discípulos missionários, somos chamados a viver centrados no mistério da paixão, morte e ressurreição do Senhor, como núcleo fundante e fundamental da nossa fé, sem o qual não podemos viver.
• Somos interpelados a viver o anúncio de Jesus Cristo, morto e ressuscitado, pelo que nos devemos interrogar sobre o modo como temos sido indiferentes para com esta missão a todos que somos chamados.

2. Envio missionário

V. Ide: Deus veio em vosso auxílio, abriu os nossos ouvidos e deu-nos a graça de falar como discípulos.
R. Ámen.
V. Ide: o Senhor Jesus fez-se servo e entregou a sua vida para nos salvar.
R. Ámen.
V. Ide: o Espírito Santo liberta-nos do pecado, para vivermos comprometidos no nosso caminho de salvação.
R. Ámen.

Oração Universal

Caríssimos fiéis: com os olhos voltados para Aquele que por nós foi crucificado, oremos pelos nossos irmãos que sofrem, dizendo (ou: cantando), cheios de confiança:
R. *Christe, eleison.*

1. Para que Jesus, nossa esperança, em agonia no jardim, tenha piedade dos que vivem aflitos, oremos.
2. Para que Jesus, nossa esperança, flagelado e torturado, tenha piedade dos que mais sofrem, oremos.
3. Para que Jesus, nossa esperança, coroado de espinhos, tenha piedade dos que não são respeitados, oremos.
4. Para que Jesus, nossa esperança, a caminho do Calvário, tenha piedade dos que arrastam a cruz da vida, oremos.

5. Para que Jesus, nossa esperança, expirando no madeiro, tenha piedade dos que estão em agonia, oremos.
6. Para que Jesus, nossa esperança, ressuscitado e glorioso, tenha piedade de todos nós, oremos.
Senhor Jesus Cristo, concedei a todas as pessoas que sofrem, a graça de se unirem à vossa Paixão e de porem a sua esperança na vossa Ressurreição. Vós que viveis e reinais por todos os séculos dos séculos.
R. Ámen.

“Pai, perdoa-lhes,
porque não sabem
o que fazem”

DOMINGO DE RAMOS QUARESMA
ANO C - 2019

Olive & Noé



CUCA ROSETA NA SEMANA DAS VOCAÇÕES DA ARQUIDIOCESE

A Semana de Oração pelas Vocações de 2019 celebra-se entre os dias 5 e 12 de Maio, é subordinada ao tema "A coragem de arriscar pela promessa de Deus" e centra-se, desta feita, no Arciprestado de Vila do Conde e Póvoa de Varzim. De todo o programa destaca-se a iniciativa final, no dia 18 de Maio, da parte de tarde, com a realização de uma Peregrinação Vocacional que partirá de diferentes pontos em direcção ao Espaço Agros, onde decorrerá o restante programa previsto, com destaque para um concerto com teor vocacional com a cantora Cuca Roseta.

No dia 6 de Maio, às 21h30, no Auditório Municipal, tem lugar a apresentação de uma peça de teatro por parte do Grupo de Teatro S. João Bosco, constituído por seminaristas da Arquidiocese.

Nos dias 4 e 5 de Maio, assim como nos dias 11 e 12 de Maio, a Pastoral para as Vocações marca presença nas paróquias do Arciprestado, concretamente nas celebrações, nos encontros de catequese da adolescência e dos grupos de jovens e no contacto com as famílias. Nesses mesmos dias está também prevista a presença num local de peregrinação, Balazar.

De 6 a 10 de Maio, esta presença estende-se às aulas de Educação Moral e Religiosa Católica, na Escola Frei João, em Vila do Conde, e na Escola Eça de Queirós, na Póvoa de Varzim, procurando interpelar aqueles que se encontram em fase de discernimento vocacional.

No dia 10 de Maio tem lugar uma Vigília de Oração, pelas 21h30, na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, na Póvoa de Varzim, presidida por D. Jorge Ortiga.

SENHORA-A-BRANCA RECEBE HOJE À NOITE MOMENTO DE ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES

Tem lugar hoje, às 21h15, na Igreja de Senhora-a-Branca, um Momento de Oração pela Vida e Vocações.

"Como habitualmente, estes momentos têm procurado interpelar a comunidade, chamada pelo baptismo à fundamental e universal vocação à Santidade, assim como promover momentos propícios à oração pelas vocações espe-

cíficas, como a do matrimónio, a do sacerdócio ministerial e a de vida consagrada em geral, ou também, mais genericamente, vocações a ministérios laicais", explica a Pastoral Vocacional, responsável pela iniciativa.

Este é mais um dos encontros de oração mensais que percorrem as paróquias do Arciprestado de Braga.

AGENDA
Viva

5 ABR
 ESPAÇO VITA
OLHARES SOBRE AS MIGRAÇÕES
 21H00

11 ABR
 ESPAÇO VITA
MISSÃO EM ESPERANÇA
 21H00

13 ABR
 ESPAÇO VITA
WE FIND YOU
 22H00

FM 101.1 Mhz
 AM 576Khz.

Sim
 Assim, sim. AM/FM

PROGRAMA
Ser Igreja

Sexta-feira, das 23h00 às 24h00

O programa Ser Igreja entrevista esta semana o **Pe. Paulo Terroso**.

LIVRARIA
 DIÁRIO DO MINHO
LIVRO DA SEMANA
5€

10%
 Desconto

PAPA FRANCISCO
CRISTO VIVE

Cristo Vive - Christus vivit é quarta Exortação Apostólica pós-sinodal do Papa Francisco, em forma de carta dirigida aos jovens e a todo o povo de Deus. "A todos os jovens cristãos escrevo com carinho esta Exortação Apostólica, isto é, uma carta que recorda algumas convicções da nossa fé e que, ao mesmo tempo, alenta a crescer na santidade e no compromisso para com a própria vocação", escreve o Santo Padre.

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 4 a 11 de Abril de 2019.

